

O índice de desenvolvimento humano (IDH) em aulas de geografia: uma análise de vídeos educativos na internet

The human development index (HDI) in geography classes: an analysis of educational videos on the internet

Daniel Godoy^I, Paulo Roberto Rodrigues Soares^{II}

RESUMO

Este artigo traz uma análise do uso e da apropriação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em videoaulas de professores brasileiros de Geografia por meio da observação da linguagem espacial utilizada pelos nos vídeos publicados na internet. Foram estudados uma amostra de 14 videoaulas publicados no YouTube com média de cerca de 15 minutos de duração cada. A metodologia utilizada se fundamenta no estudo das representações por análise de conteúdo e análise direta do discurso. Os resultados encontrados demonstram uma importante dimensão a ser melhor compreendida em relação à Geografia e os indicadores sociais que se remete a dimensão da apropriação social, da ideologia e da construção de imaginários geográficos. Observamos processos de ancoragem e objetivação do IDH que se remetem a mecanismos de construção simbólica do espaço relacionados a produção de uma “psicoesfera do espaço geográfico” (SANTOS, 1996), a “representações sociais do espaço” (BONFIN, 2012) e a “espaços de representações” (LEFEBVRE, 2013) relevantes de serem considerados nos processos de construção do conhecimento geográfico e das práticas educativas em Geografia.

Palavras-chave: Apropriação; Ideologia; Imaginário Geográfico; Indicadores Sociais; Representações

ABSTRACT

This article presents an analysis of the use and appropriation of the Human Development Index (HDI) in video classes by Brazilian Geography teachers through the observation of the spatial language used by the videos published on the internet. A sample of 14 video classes published on YouTube with an average of about 15 minutes each was studied. The methodology used is based on the study of representations by content analysis and direct discourse analysis. The results found demonstrate an important dimension to be better understood in relation to Geography and the social indicators that refer to the dimension of social appropriation, ideology and the construction of geographical imaginary. We observe processes of anchoring and objectifying the HDI that refer to mechanisms of symbolic construction of space related to the production of a “psychosphere of geographic space” (SANTOS, 1996), to “social representations of space” (BONFIN, 2012) and “spaces of representations” (LEFEBVRE, 2013) relevant to be considered in the processes of construction of geographic knowledge and educational practices in Geography.

Keywords: Appropriation; Ideology; Geographical Imaginary; Social Indicators; Representations

^IDoutorando em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. E-mail: cidadesurreal@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3608-2450>

^{II}Professor de Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. E-mail: geoprrs@gmail.com ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-3262-768X>



1. INTRODUÇÃO

Este estudo é parte de uma pesquisa de doutoramento em Geografia sobre estatísticas e indicadores sociais junto a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo sido financiado pela CAPES. Ele traz uma análise da apropriação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) sobre aulas de Geografia publicadas no YouTube por educadores brasileiros. A abordagem focou em análises por meio da observação da “linguagem espacial” (SCHMID, 2012) utilizada pelos professores, considerando dimensões como espaço social, construção de sentido, de significado e o cotidiano em relação a processos de construção de imaginários geográficos. Observamos as narrativas e o léxico das videoaulas analisadas, para compreender o processo de apropriação social do IDH pelos professores de Geografia.

O IDH se relaciona com o ensino de Geografia nas videoaulas estudadas, principalmente por uma demanda das avaliações do tipo concurso público e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sendo, relacionado as exigências de conhecimentos curriculares referentes ao Ensino Médio. Nos comentários dos vídeos foi possível reconhecer que estudantes do Ensino Médio assistem as aulas também como forma de complementar estudos do ensino escolar presencial. Às videoaulas analisadas foram registros publicados na internet para uso como apoio a estudantes de ensino médio, para pessoas que estão se preparando para concursos públicos e para aqueles que estudam para prestar o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

2. DESENHO DA PESQUISA

O objetivo da pesquisa foi estudar o processo de apropriação social dos indicadores sociais buscando contribuir com estudos sobre o tema junto a Geografia, uma vez que se tem muito poucas pesquisas dedicadas ao tema, com destaque da tese de Milléo (2005; 2007). O recorte amostral e a coleta de dados

deste estudo se deu pela seleção de quatorze vídeos de aulas de Geografia publicados no Youtube. Salientamos que diante da emergência da importância do uso de vídeos publicados na internet como dispositivos de ensino e aprendizagem é relevante o estudo destes conteúdos que podem ter vasto alcance social.

Adotamos como fundamentos teóricos as contribuições de Henri Lefebvre (2006; 2013) e da Teoria das Representações Sociais aplicadas ao estudo do ensino de Geografia (BONFIM, 2012). As categorias analíticas utilizadas foram portanto: **a)** “espaço social” (FERNANDES, 1992; BOURDIEU, 1996; SIMMEL, 2013; LEFEBVRE, 2013); **b)** representações sociais do espaço, ancoragem e objetivação (MOSCOVICI, 2003; PELUZZO, 2003; GILL FILHO, 2005; BOMFIM, 2012); **c)** espaço de representação e as representações do espaço (SHIMID, 2012; LEFEBVRE, 2013). Foi estudado o uso do IDH, enquanto função social e a apropriação, enquanto significação e territorialização do indicador social no espaço social cotidiano.

A análise de conteúdo foi realizada com apoio da plataforma Iramuteq Alpha que auxiliou na exploração dos dados para uma interpretação feita a partir de relações entre palavras e a formação do significado produzido. Os vídeos analisados datam do período de 2015 a 2018. Para análise as legendas de cada vídeo geradas automaticamente pelo YouTube foram capturadas e formatadas em um *corpus* textual para uso como dados para análises com o programa Iramuteq (VIZEU, 2013).

Enquadramos teoricamente o IDH como um “objeto técnico” a partir das contribuições de Milléo (2005; 2007) com base na teoria geográfica de Milton Santos (2002). Este enquadramento permite analisar o processo de uso e apropriações dos indicadores social, a partir de uma interpretação que o considera como produto de uma “tecnoesfera” cuja função técnica é a construção de uma “psicoesfera” do espaço geográfico (SANTOS, 1996) do espaço geográfico, configurada de “espaço de representação” (LEFEBRE, 2013). Este processo revela

o que David Havey (1980) chamou de imaginação geográfica, ao mesmo tempo que revela os mecanismos dos processos ideológicos operantes nas aulas de Geografia quando estas fazem usos do IDH.

A análise dos conteúdos observados nas videoaulas, demonstram a influência direta do objeto técnico nas representações do espaço. Através das representações sociais do espaço se reconhece os nexos entre IDH e conhecimento geográfico cotidiano, permitindo-nos perceber como este está sendo territorializado simbolicamente para as práticas cotidianas. A partir do reconhecimento das representações sociais do espaço geográfico do país e do mundo, foi observado a dimensão simbólica da produção do espaço, reconhecendo o “espaço de representação” e as representações do espaço nas falas dos professores.

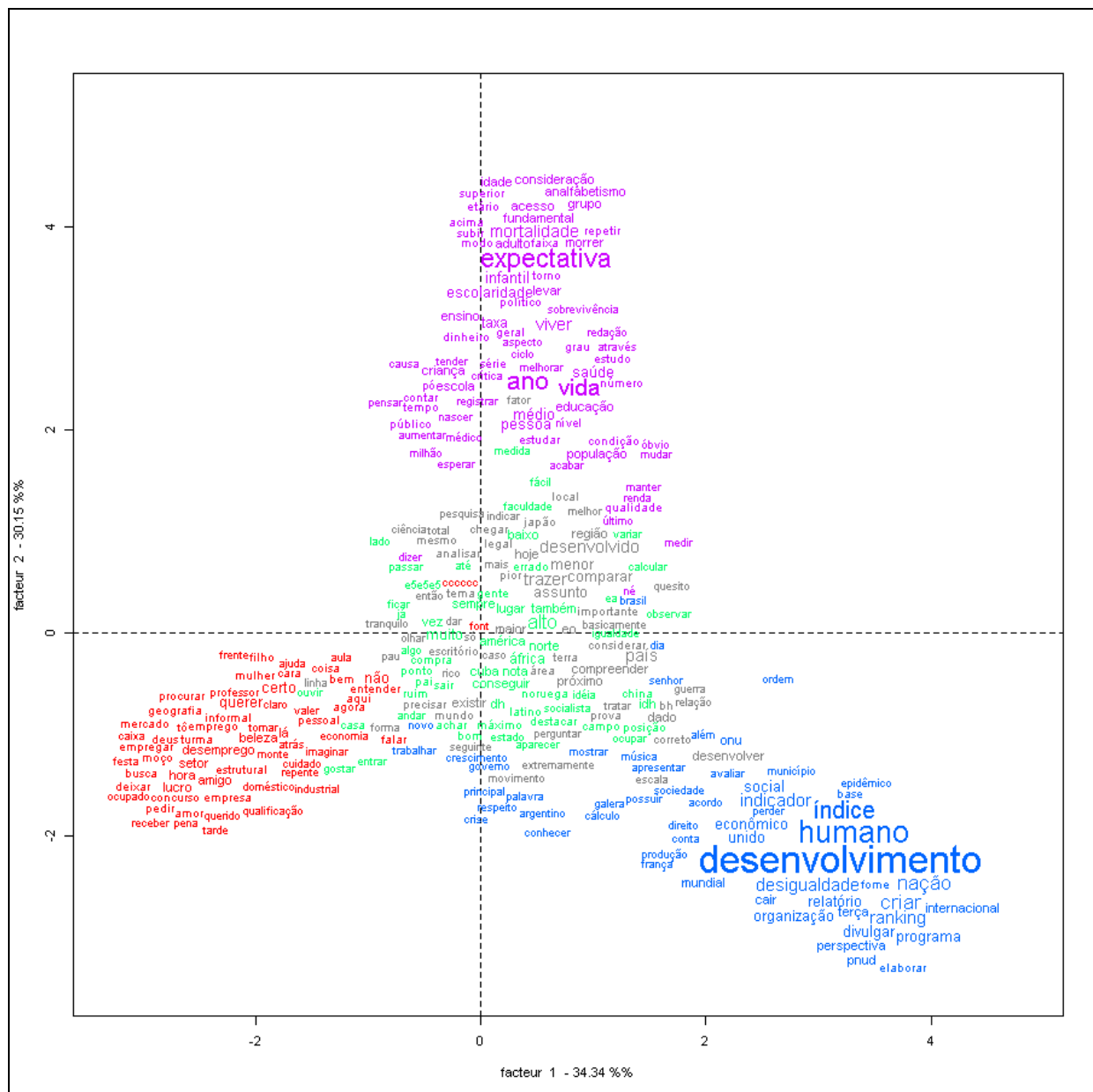
Nas próximas seções fazemos uma descrição sobre o que se fala nas videoaulas de Geografia estudadas e como é feito o uso e a apropriação do IDH para abordarmos questões como os processos de construção simbólica do espaço. Detalhando os mecanismos encontrados, evidenciando a importância de dimensões como a ideologia, os espaços de representação e a presença de um sistema de mediação que caracteriza uma psicosfera do espaço geográfico. Trazemos então para a discussão a ideia de tecnologias políticas em relação ao uso e apropriação dos indicadores sociais, por observarmos que os indicadores enquanto objetos técnicos tendem a capturar subjetividades, modos de avaliar e representar o espaço geográfico atuando em processos de normalização do espaço de representações.

3.SOBRE O QUE SE FALA NAS VIDEOAULAS SOBRE O IDH

Nesta primeira seção apresentaremos uma análise de conteúdo e análise direta do discurso. Os procedimentos consistiram em captura das legendas dos vídeos, a verificação da integridade das palavras e frases, a formatação de um

corpus de análise e uso da plataforma Iramuteq. A análise de classificação pelo Método Reinert nos permitiu visualizar relações entre os vídeos. A seguir na Figura 1 podemos observar o léxico encontrado, as tendências e as forças dos enfoques.

Figura 1. Gráfico de distribuição do léxico das vídeo-aulas de Geografia sobre o IDH



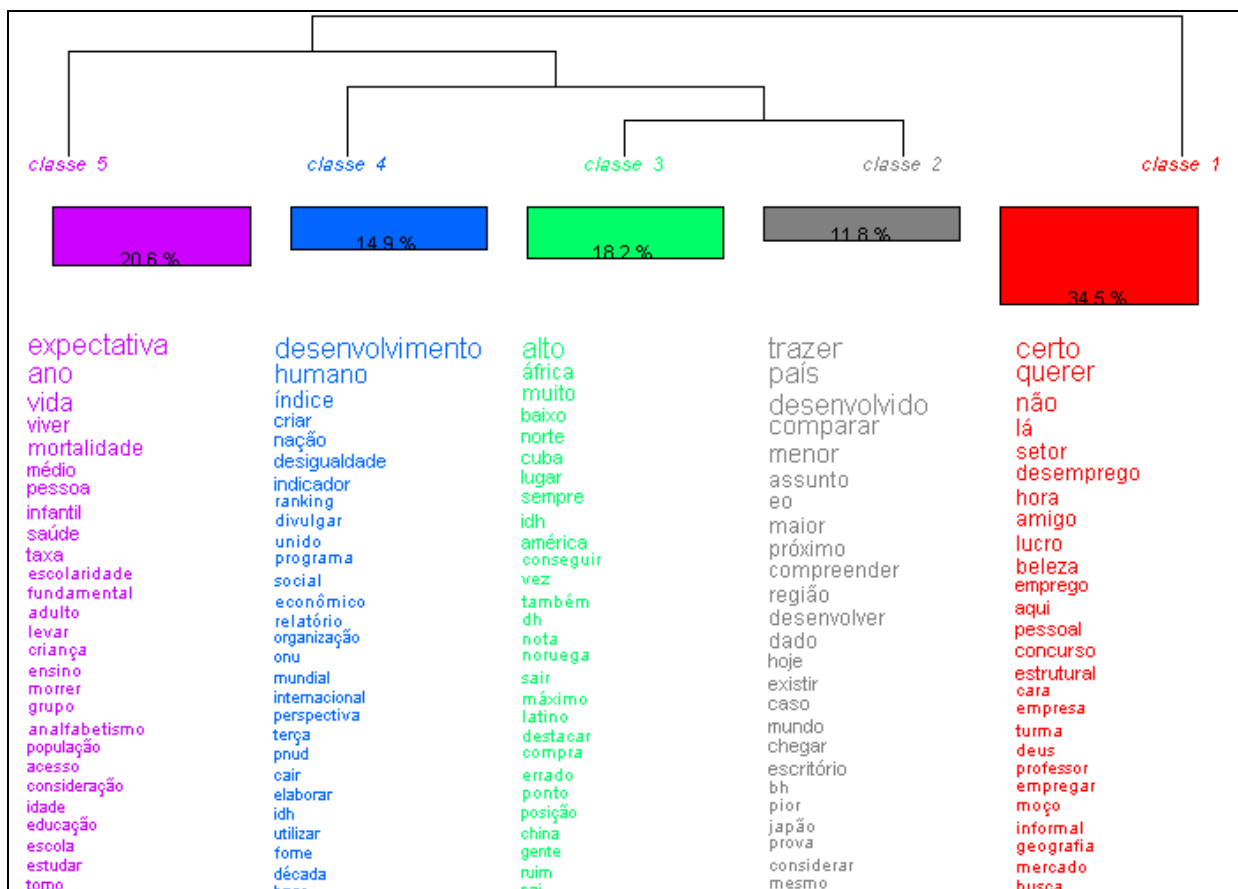
Fonte: Elaboração própria a partir de Iramuteq Alpha, 2019

O gráfico da Figura 1 apresenta a distribuição das palavras faladas por uma classificação de 5 classes de enunciados sendo: **1)** falas sobre expectativa de vida;

2) falas sobre o desenvolvimento humano; **3)** falas de exemplos geográficos; **4)** falas sobre comparações geográficas; **5)** falas figuras de estilos e de linguagem usadas pelos professores. No gráfico da Figura podemos ver como essas classes se relacionam e suas forças no contexto. Podemos perceber que desenvolvimento e expectativa de vida tem mais presença e força nos enunciados.

No dendrograma da Figura 2 a seguir podemos observar a distribuição de palavras pela classificação. Notemos que a classe referente a figuras de linguagens utilizadas pelos professores foi classificada como a parte, e as quatro classes principais subdivididas. Este procedimento nos auxilia na análise e na exploração dos dados referentes as falas dos professores nos revelando conjuntos de subcategorias auxiliares.

Figura 2. Dendrograma de classificação do *corpus* textual pelo Método Renert



Fonte: Elaboração própria a partir de Iramuteq Alpha, 2019

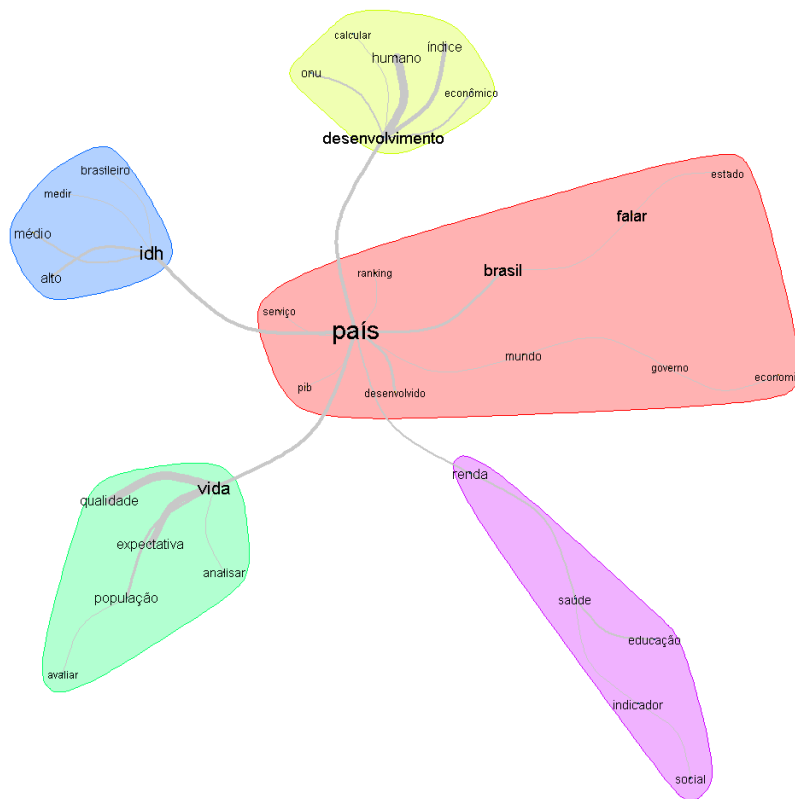
A partir do reconhecimento das classes de enunciados apresentados na Figura 1 e na Figura 2 podemos perceber que as classes 1 e 2 se relacionam as explicações sobre o desenvolvimento humano e sobre o aumento da expectativa de vida e seu impacto no IDH e seus léxicos podem ser observados como misturados no centro do gráfico da Figura 1. Esta etapa de análise do discurso direto nos permitiu reconhecer os campos discursivos presentes e os enfoques no universo de quatorze videoaulas com duração entre 7 a 15 minutos e num volume de texto de 40.000 palavras capturadas. Nos auxiliando no estudo e na interpretação dos conteúdos com base no referencial teórico e categorias analíticas adotadas. Nas seções a seguir, apresentamos as discussões e desdobramentos do estudo.

4.AUSÊNCIAS, PRESENCAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ESPAÇO

Quando analisamos as falas dos professores nas videoaulas, percebemos que os sujeitos da representação (professores, estudantes e sociedade) não são postos em condições de se apropriar do IDH para fins de ação e transformação da realidade. O IDH é apresentado como uma representação e produto de pesquisas e do trabalho da ONU. Esta lógica está imbuída de uma dimensão política, a qual define simbolicamente responsabilidades de transformação sobre os resultados dos desempenhos econômicos, sociais e das condições de qualidade de vida sobre os governos. Retirando das pessoas e da sociedade como um todo do processo a potência de ação. Contingenciando historicamente a construção de transformações. Fato, que revela a força de uma ideologia a qual buscamos compreender melhor os seus mecanismos.

Os enunciados se focam nas explicações pragmáticas e causais dos resultados do indicador sociais e das posições dos países no ranking do IDH. Tal fato, demonstra efeitos da ideologia distorcendo representações e (re)significando conteúdos, ao se deixar em ausência processos históricos e as complexidades como a importância do IDH para o desenho de políticas sociais no Brasil e para a distribuição de recursos no território. O processo de agenciamento simbólico do espaço social observado no caso das videoaulas sobre o IDH, nos ajuda também, a compreender as lógicas da produção simbólica do espaço a partir dos indicadores sociais. Revelando mecanismos aparentemente ausentes nas falas dos professores mas, que são presenças caracterizadas como linhas de força de um objeto técnico que em sua apropriação modifica significados da realidade e da imaginação geográfica.

Podemos identificar no grafo da Figura 3, o país como objeto central das representações trabalhadas nas aulas. Este grafo nos ajuda a perceber e identificar a estrutura do léxico e das representações ao nos mostrar graficamente uma matriz de relação entre signos. Por exemplo, podemos observar a relação de proximidades entre as palavras, percebendo subcategorias que nos permitem buscar nas falas os campos de significações referentes. Por exemplo, notemos que junto ao núcleo central das representações, aparecem as palavras serviço e mundo, tendo o signo governo próximo a economia. Estas relações de proximidade entre signos nos permitem também reconhecer dois campos discursivos periféricos ao núcleo central, um se refere desenvolvimento humano e o outro a qualidade de vida. Como também se faz presença uma relação de proximidade entre os verbos calcular e entender com governo, economia e posição do país no ranking.

Figura 3. Grafo de Similitude das Aulas de Geografia sobre o IDH

Fonte: elaboração própria utilizando Iramuteq Alpha 2

Nas aulas sobre o IDH analisadas a dimensão renda, educação e saúde ganha presença nas falas dos professores de Geografia como constatações de uma realidade geográfica. Contudo, o debate histórico sobre qualidade de vida fica em ausência. Este mecanismo discursivo vincula a ancoragem de significados ao IDH a uma lógica de comparabilidade por marcação de posições em uma escala linear de 0 a 1 (a escala linear acaba por ser uma escala de projeção polarizada, pois se referênciamos no limite máximo e limite mínimo observado de uma série de dados). Vinculando também, a objetivação no desmantelamento do conceito histórico e do significado de desenvolvimento humano. O IDH é apresentado como um “espaço de representação” (LEFEBRE, 2013), no qual a inscrição do significado de qualidade de vida é ancorado como expressão de uma equação expressa pela relação entre renda, educação e saúde. Desta forma,

anula-se o conceito de desenvolvimento humano e os valores por ele invocado simbolicamente.

É possível reconhecer nas falas, a força do IDH significado como um indicador da ONU pela frequência da citação dessa relação e sua função como instrumento de pesquisa e diagnóstico das diferenças sociais e geográficas. Foi possível reconhecer o uso e a apropriação do IDH como um marcador geográfico de um espaço de representações apropriado para classificações e regionalizações do imaginário geográfico do país em relação ao mundo, contextualizado por questões geopolíticas do desenvolvimento, pela divisão internacional do trabalho e por diferenças entre os lugares e culturas. Como também, podemos perceber nas falas, a histórica contraposição entre PIB e IDH que tem gênese no Movimento dos Indicadores Sociais, onde o IDH é utilizado para deslegitimar a representabilidade de desigualdades representadas pelo PIB.

No núcleo das representações sociais sobre o espaço geográfico observamos que se destaca às relações entre ranking com o signo IDH e o país como elementos centrais (Figura 3). Ou seja, podemos observar no núcleo da representação social do espaço, uma matriz de significação que se configura como um circuito para ação que constitui um espaço de representação. Neste sentido, na linguagem espacial observada o IDH é operado como um actante espacial, agenciando sentidos e significados a partir de sua relação de com a ONU. Sendo que, é a partir dessa relação com a ONU que o IDH é enunciado como um diagnóstico e medida da desigualdade social do país.

O IDH é um objeto técnico produzido a partir de uma agenda política transnacional agenciada pela ONU. A partir da Teoria da Escolha Social (TES) de A. Sen (2018) desde o início da década de 1990 tem sido construído uma psicosfera global em torno de uma agenda social que tem como elemento simbólico central a TES e o IDH como objeto simbólico de medida e avaliação de impactos e resultados de políticas sociais.

Os sistemas de mediações, representações e práticas, postos em fluxos no espaço geográfico pela execução da agenda social internacional, adotou estratégias de inscrições políticas do conceito de desenvolvimento humano e do IDH nos sistemas de valores da humanidade. Tendo por lógica territorial, a inscrição do indicador como objeto técnico e dispositivo de avaliação de políticas sociais e de investimentos públicos, inscrevendo o indicador nos marcos legais dos países. No caso do Brasil o IDH é inscrito na lei de diretrizes do orçamento nacional a partir do ano 2000.

Também, podemos colocar que o IDH é parte de uma estratégia global de construção simbólica do espaço, a qual usa o indicador como elemento simbólico da TES e dos valores que ela postula. Contudo, o indicador também é apropriado no âmbito da Teoria do Capital Humano (TCH) sendo recontextualizada por princípios do utilitarismo econômico que tende a criar modelos econômicos que transformam necessidades sociais em demandas para serem atendidas pelo mercado.

Por sua vez, o presente estudo identificou uma importante relação entre as representações sociais do espaço e os espaços de representação do desenvolvimento humano nas aulas de Geografia quando professores usam e se apropriam do IDH. Foi possível observar mecanismos de construção de um espaço de representações ancorado em um sistema de objetos técnicos que constituem o que Milton Santos chamou de “psicoesfera do espaço geográfico” (SANTOS, 2002). Não só reconhecemos uma psicoesfera do espaço em construção, como identificamos a força e os efeitos da ideologia na territorialização do IDH na dimensão do cotidiano sendo agenciado partir desta psicoesfera.

A ideologia pode ser reconhecida quando ocorre o desmantelamento do conceito de desenvolvimento humano de seu significante principal (a liberdade), na fala dos professores. Os quais afirmam aos estudantes que pode-se entender desenvolvimento humano como qualidade de vida. Seguindo de explicações que

afirmam que o IDH expressa uma qualidade de vida mensurada pela capacidade de acesso a serviços de saúde e educação, diretamente relacionado a renda. Este processo de (re)significação do IDH no uso como objeto técnico e dispositivo pedagógico feito na apropriação dos professores. Permite-nos observar no fluxo das falas, como acontece a substituição do conceito de desenvolvimento humano por uma noção de qualidade de vida, que reduz a representabilidade e potência simbólica do indicador, a uma mensuração equacionada pela renda e consumo, vinculada ao acesso de serviços de educação e de saúde.

Podemos também, observar que o agenciamento promovido pelo IDH enquanto actante espacial central desse sistema de mediação estabelecido, pois produz um espaço de representação, o qual é articulado com as representações sociais do espaço por mecanismos de objetivação do nexo entre a naturalização das desigualdades, os mapas da espacialização do IDH e uma ideia de qualidade de vida. Construindo então o que Lefebvre (2013) chama de “espaço de representação”. Essa lógica de distorção do conceito de desenvolvimento humano e desmantelamento dos valores por ele invocados, para uma ancoragem e objetivação de qualidade de vida como o fazem os professores de Geografia das aulas analisadas é o que caracteriza o processo de construção e territorialização da ideologia hegemônica. Pois, a objetivação do IDH nas representações sociais do espaço e a ancoragem dessa objetivação, nos aponta a presença de um mecanismo que usa da posição no ranking, ou seja, um espaço de representação, para estabelecer uma imaginação geográfica que esvazia os significados de desenvolvimento humano. Este processo de esvaziamento do significado é abordado por Laclau (1992) ao utilizar a categoria “significante vazio” para explicar a racionalidade da hegemonia nas atuais democracias ocidentais.

Portanto, esta relação entre ancoragem e objetivação da representação social do espaço produz um novo espaço de representação pela apropriação dos professores para uso do IDH. Sendo construído um imaginário geográfico para explicar o que é o IDH e para que ele serve. O indicador é recontextualizado

como espaço de representação de uma ideia de qualidade de vida pelos professores que é diferente de sua origem na TES e uso feito nos Relatórios de Desenvolvimento Humano da ONU e do PNUD.

Nesse jogo de reconfiguração do sentido e do significado, o desenvolvimento humano enquanto conceito que se remete a ideais mais humanistas, relacionado às liberdades, capacidades e a busca de uma percepção econômica menos utilitarista, passa a ser sujeito de uma ideia de qualidade de vida, quantificada pelas categorias do IDH. Contatamos que a ideia de qualidade de vida presente nas falas dos professores, não é contextualizada no conceito histórico do conceito de qualidade de vida, o qual é vinculado diretamente a construção das discussões sobre o bem-estar social e os avanços na produção de políticas públicas via a democratização do Estado.

Na análise de similitude das falas dos professores, podemos observar relações fortes de proximidades entre qualidade de vida, conhecimento, os verbos dizer, avaliar, analisar relacionados a uma ideia de condição. Podemos, portanto perceber que a apropriação do IDH pelos professores enquanto um objeto técnico utilizado para tornar dizíveis características e condições do social, acabam por construir uma imaginação geográfica em relação ao país e o mundo que é distinta do significado conceitual e científico do indicador.

A posição de um IDH médio também é fortemente marcada, localizando o país com uma posição intermediária do ranking do desenvolvimento. Notamos que há uma associação de sentido entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano em que o significado de desenvolvimento é subordinado ao econômico e a uma métrica geopolítica do desenvolvimento. Esta relação é expressa no uso do exemplo da divisão geopolítica do mundo entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos com a posição no ranking do IDH feito pelos professores.

Na Figura 3 buscamos apresentar às relações que permite-nos identificar a produção de espaços de representação e representações sociais do

desenvolvimento humano no espaço geográfico dos países a partir da apropriação do IDH no cotidiano. Observamos que nas aulas de Geografia estudadas o IDH é representado como um indicador de qualidade de vida e como um objeto técnico de conhecimento das desigualdades sociais.

Notamos que o IDH é apropriado como um actante espacial em uma linguagem que agênciava um imaginário geográfico e representações sociais do espaço geográfico por uma lógica que transforma sentidos e significados originais da TES. Inscrevendo sentidos e significados para as relações entre países e lugares no mundo como um processo competitivo entre territórios em um jogo de posições que variam ao longo do tempo a cada nova avaliação. O significado construído em torno da representação de desenvolvimento humano observado pela ancoragem e objetivação do IDH nas aulas estudadas, se remete a uma medida de qualidade de vida. Nas aulas não são feitas referências ao conceito de desenvolvimento humano como vem sendo discutido junto a ONU ou as Ciências Humanas, o conceito não se faz presente. Mas, se significa o desenvolvimento humano como sinônimo de qualidade de vida.

Nas aulas estudadas o IDH é representado como um indicador social, uma medida e um dado referente a realidade social e a uma geografia do mundo. Conhecimento, mapas, governo, cidadania e política, aparecem como dimensões mais periféricas. O uso do IDH como um instrumento para pressão social por melhor qualidade de vida não são questões ou elementos presentes. A realidade é apresentada no que lhe concerne como produto da ação de governos na economia.

Compreendemos que estamos diante de um processo de construção de conhecimento e do imaginário geográfico onde ocorre uma naturalização e reificação do indicador por um processo de ancoragem o qual deixa de inscrever um significado político para a ação dos agentes sociais numa construção social do espaço, da democracia e das condições de reconhecimento da potência política de cada pessoa e grupo. Logo, é ausente a consideração da possibilidade do

protagonismo social nas transformações da realidade e da construção dos indicadores sociais. O ritmo observado nas projeções espaciais é o do movimento de posições no ranking, o tempo e variabilidade da ação acaba por se centrar na escala de posições.

Na linguagem espacial observada os nexos entre o conceito de desenvolvimento humano, os valores e projetos envolvidos, os mapas gerados, às tabelas e o número do indicador permitem identificar a presença de campos de significação, que se conectam pelo objeto da representação, neste caso, o país. Os mapas territoriais e às tabelas no que lhe concerne, fazem os nexos entre o número e a posição em um ranking para a marcação do desempenho do país em relação aos outros países. De maneira, que as representações sociais do espaço ficam com um núcleo em torno de signos como país, qualidade de vida, desenvolvimento e o IDH ganha força icônica do imaginário geográfico construído.

A partir de relações entre ideias de qualidade de vida, medida, classificação, índice, número, posição e ranking também, podemos perceber, uma desconexão da produção de sentido entre as relações causais com o desenvolvimento humano que poderiam remeter a uma reflexão política a partir do cotidiano e da democratização, aos direitos e a cidadania. O que denota um “espaço de representações” (LEFEBVRE, 1986) sendo construído por ancoragens relacionadas ao sistema de valores da “cultura do desempenho” (LYOTARD, 1998) objetivando distorções. Essas distorções são ideologias nas representações sociais do espaço. Este mecanismo vai criando sentido na objetivação das representações do espaço para o país e para o mundo, significando o espaço a partir de um imaginário geográfico agenciado pelo indicador social.

Podemos perceber se tratar de um processo de “construção social da realidade” (BERGER; LUCKMANN, 2017), no qual fabricamos o que compreendemos como “psicoesfera” (SANTOS, 1996), através de uma horizontalidade de ações que promovem a construção de um conhecimento

geográfico a partir de relações entre estatística, espaço e território. No movimento de recontextualização, na horizontalidade da ação via os diferentes usos e apropriações do IDH, observamos a relevância das representações sociais do espaço para entendermos os mecanismos de produção dos espaços de representação relacionados a territorialização dos indicadores sociais.

Tais representações sociais do espaço com suas ancoragens e objetivações enquanto formas de conhecimento geográfico e naturalização de ideologias, estão diretamente relacionadas às práticas cotidianas que permitem compreender a lógica geográfica do uso e apropriação social do IDH” e sua influência nas práticas espaciais e nas performances políticas da cidadania. Esta influência demonstra-se estar vinculada a uma dimensão cultural e relacionada a construção de uma “imaginação geográfica (HARVEY, 1986), cujo os mecanismos podem ser compreendidos pela observação da linguagem espacial e da construção das representações sociais do espaço feitos pelo uso e apropriação do indicador social estudado.

Podemos também, observar como efeitos da “performatividade” (BALL, 2005), da “cultura do desempenho” (LYOTARD, 2003) e do neoliberalismo enquanto um regime de poder. Observamos uma frequente comparabilidade feita por polarização entre desempenhos e medidas, ou seja, se faz comparações entre os territórios das melhores posições e os de piores posições no ranking gerando um imaginário geográfico normalizado por marcas de desempenho. Marcando os melhores e os piores desempenhos dos territórios sem fazer explicações ou críticas dos processos históricos e geográficos produtores das desigualdades. Se deixa de questionar o como e nem o porquê do *status quo*. Há a ausência da busca de pensar e de se discutir o que está sendo feito para mudar ou para preservar tal estado das coisas.

Percebemos que observamos uma lógica de construção simbólica do espaço, onde a norma estatística gera uma norma espacial inscrevendo uma racionalidade que captura a diferença e padroniza a totalidade a partir dos

desempenhos mais alto e mais baixo. Observamos via esta lógica e razão, a construção de um espaço de representações no qual se diferencia do espaço de representação original, pela construção do significado geográfico distinto do conceito de representação do indicador social. O IDH quando utilizado para representar a qualidade de vida nas videoaulas de Geografia analisadas, passa a representar o espaço por marcações das posições dos territórios no ranking estatístico para uma imaginação de onde seria melhor ou pior viver. Essa razão de comparabilidade acaba por territorializar um *ethos* performativo típico da cultura da performatividade na ancoragem de significados espaciais, inscrevendo uma distorção, uma ideologia no espaço de representação via as representações sociais do espaço.

5. REFLEXÕES SOBRE OS USOS E APROPRIAÇÕES DO IDH NAS VIDEOAULAS DE GEOGRAFIA

As videoaulas analisadas também, podem ser consideradas como objetos técnicos a semelhante modo do próprio IDH, sendo elementos que configuram uma psicosfera produzida pela tecnoesfera sobre o desenvolvimento humano. Ambos, indicador e aula, ao serem articulados enquanto objetos técnicos de ensino acabam por configurarem um circuito técnico da territorialização do indicador social no cotidiano. Às inter-relações observadas no espaço social gerado pelas videoaulas, permitem reconhecer relações de ausências e presenças de forças sociais que atuam simbolicamente na construção dos sentidos e significados do imaginário geográfico, direcionando ancoragens e objetivações nas representações sociais do espaço.

Observamos que ocorrem processos de produção simbólica do espaço de extrema relevância para entendermos a produção do espaço e da cidadania na contemporaneidade. Ao considerarmos a “semântica da informação” e a “legitimação” das informações estatísticas (RODRIGUES, 2010). Tomamos o

âmbito da importância do papel da “psicoesfera” (SANTOS, 2002) para entendimento dos conhecimentos geográficos, das práticas de representação e das práticas espaciais relacionados ao IDH enquanto “objeto técnico” (SANTOS, 1996; MILLÊO, 2005). Reconhecemos nas aulas de Geografia um exemplo cotidiano do fato, no qual o IDH é ancorado em representações que o tem como núcleo central de significação, um sistema de mediações as quais possibilitam sua territorialização e a da ação política que o produz, todavia territorialização é vinculada à ideologia hegemônica da “cultura do desempenho” (LYOTARD, 2003).

Esta lógica tem por efeito dar a função ao indicador social de “actante espacial” (DI MEO; BULEON, 2005), ao agenciar as aulas de Geografia e os imaginários geográficos. Tal lógica política do fluxo da ação, atua em múltiplas escalas e adentra no cotidiano via uma relação entre verticalidade e horizontalidade da ação no território, encontrando na configuração de actantes o meio técnico para sua territorialização. Gerando uma imaginação geográfica, técnica e informacional.

As considerações de Lindón (2008) revisa as recentes transformações epistemológicas e as tradições de pesquisa em Geografia. Em sua discussão, cita Di Meo e Buleon (2005) que trabalham em suas pesquisas a ideia de ator como não sendo uma pessoa, em geral, mas uma pessoa que age, considerando que os significados são sempre significativos para a ação. O estudo dos quadros de significados, consideram a relação com os lugares e às práticas que as pessoas implantam em cada espaço social. Essa perspectiva nos aponta que o significado é uma construção que une o espaço social com as práticas realizadas nele, fazendo nexos com o ator e agente que produzem o significado da ação. Para Di Meo e Buleon (2005) é relevante a ação em movimento e os significados pois, a isso acrescenta-se, as formas espaciais geradas por essas ações para compreendermos o espaço geográfico. Nessa linha de abordagem é adotado também, o conceito de actante para enfatizar o agir e a ambivalência, o hibridismo e a imanência da ação de entes como instituições e objetos técnicos.

Os actantes influenciam não somente a produção de políticas via a produção de representações sociais do espaço e de cartografias do desenvolvimento humano inscritas por meio de marcos legais nas políticas sociais do país. Mas também, influenciam às práticas cotidianas, as ideologias e as práticas pedagógicas de professores, por gerar representações sociais do espaço, da cidade, do país e do mundo em relação às desigualdades entre as nações e lugares. Influenciando o conhecimento geográfico cotidiano e as percepções de espaço mundo. Uma vez que se vincula a produção simbólica do espaço e da realidade ao inscrever a performatividade política e econômica nas representações sociais do espaço geográfico. De modo, a direcionar às práticas espaciais da *práxis* através da produção e territorialização de um espaço de representações junto as representações sociais do espaço, configurando então uma psicoesfera via circuitos de mediação formados por sistemas de objetos técnicos articulados.

Ao observar o uso e a apropriação do IDH em videoaulas de Geografia, podemos perceber que neste tipo de espaço social, o uso e a apropriação social dos indicadores sociais ocorre por relações de construção de conhecimentos, de ideologias e da “imaginação geográfica” (HARVEY, 1980). O indicador atua como um actante espacial agenciando o espaço social ao territorializar um fluxo de mediações e representações para inscrever valores para o espaço e sentidos e significados geográficos.

A imaginação geográfica não é fruto apenas das aulas de Geografia. Escrevendo em 1947, o renomado geógrafo John K. Wright já constata que, para além de um “núcleo” acadêmico produtor e difusor de informações sobre o espaço, a Geografia teria uma “uma zona periférica muito mais vasta”, em “livros de viagens, em revistas e jornais, em muitas páginas de ficção e poesia e em muitas telas” (WRIGHT apud NOVAES, 2010).(GRIMBERG; DORFMAN, 2016 p. 271)

Ao observar o espaço social das videoaulas de Geografia buscamos perceber as inter-relações entre os diferentes lugares de enunciação que se atravessam na territorialização do IDH no espaço banal da vida cotidiana. Este

processo e fato social, nos ajuda a buscar compreender melhor como grupos sociais se relacionam com os indicadores sociais e como usam e se apropriam destes objetos técnicos. Pois, eles são utilizados não somente para gerar representações do espaço, mas para recriar o próprio conceito representado pelo indicador em seus números e mapas através de representações sociais do espaço em suas ancoragens e objetivações.

A ação que coloca a territorialização do IDH em fluxo no espaço geográfico tem duas naturezas, uma relacionada a universalização técnica do uso dos indicadores sociais a outra uma natureza política econômica expressa numa relação fundamental entre necessidades, demandas, recursos e territórios. Estas relações ausentes, que se configuram em ideologias representadas nos agentes de interesses sobre a regulação social, se fazem forças sociais presentes no momento em que o IDH se torna um objeto e dispositivo pedagógico para as aulas de Geografia. Pois, os professores buscam explicar um modo de representação do social atribuindo-lhe um sentido de instrumento de representação do espaço. Sem se falar que também, se trata de um objeto técnico e dispositivo de gestão pública.

6.PSICOESFERA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ESPAÇO E O COTIDIANO EM VIDEOAULAS DE GEOGRAFIA SOBRE O IDH

A psicoesfera é apresentada na teoria geográfica de Santos (2002) como um sistema de mediação produzida pela “tecnoesfera” para a construção e configuração dos sistemas de mediações no território que possibilita o fluxo de ações, objetos e construção de fixos no espaço geográfico. De tal modo, que essa relação é fundamental para compreendermos os mecanismos de transformação do espaço geográfico em meio técnico científico e informacional na dimensão do cotidiano. Por isto utilizamos como teoria de apoio a Teoria das Representações Sociais. No caso, das videoaulas de Geografia sobre o IDH, podemos observar a

presença de um sistema de mediações que tem como objeto técnico central o indicador, o qual assume função de actante espacialⁱ ao agenciar nexos de sentido e significado para a construção de uma “imaginação geográfica” (HARVEY, 1980). Tal imaginação geográfica é tomada para fins de análise das aulas como “representações sociais do espaço” (BONFIM, 2012)

Os mecanismos deste processo de construção de imaginários, pode ser observado pela presença da marcação espacial, da classificação e da regionalização simbólica do espaço geográfico por posições relativas ao escore no indicador. O que indica a função do indicador de operador espacial de imaginários de avaliação territorial e das desigualdades e diferença entre lugares a partir de medidas construídas a comparação territorial.

O uso e a apropriação do IDH nas aulas de Geografia quando estudadas pela dimensão da produção de um “espaço de representação” (LEFEBVRE, 2013), revelou um sistema de mediação que tem no IDH um actante espacial central que agênciia os significados e sentidos geográficos, e também, atuando no âmbito da construção da cidadania, inscrevendo nos processos de produção de representações sociais do espaço as ancoragens e objetivações que caracterizam uma ideologia hegemônica que posiciona simbolicamente as pessoas, no caso o estudante e o professor, por táticas de contingenciamento de suas potências políticas.

Este processo ideológico promovido na objetivação e na ancoragem coloca em ausência o conceito de desenvolvimento humano e de liberdade nas falas dos professores. De maneira, que a Teoria da Escolha Social (TES), seus valores, argumentos e fins, a qual o indicador representa fica em ausência. E, uma noção de qualidade de vida substitui o conceito de desenvolvimento humano. Este jogo de linguagem típico da construção das representações sociais, presente nas falas dos professores e nos seus recursos didáticos como mapas e gráficos utilizados, demonstra uma ancoragem que leva para ausência o conceito de desenvolvimento humano e faz presença uma noção de qualidade de vida

atrelada a dimensão renda e a capacidade financeira para acessar serviços. No que lhe concerne, a objetivação se refere a um processo pelo qual são “materializadas” as ideias e os conceitos (XAVIER, 2002 p. 25). Para entender essas relações nas falas dos professores, tomamos as distintas lógicas políticas que mudam o processo de significação do IDH nas videoaulas de Geografia. Nos interessou portanto, esmiuçar os vínculos da ideologia com a “imaginação geográfica” e com a cidadania na dimensão do cotidiano (HARVEY, 1980). A ancoragem observada pode ser descrita como uma ancoragem performativa que apresenta o indicador de forma reificada e cuja objetivação se orienta a uma geografia da qualidade de vida e a uma imagem espacial simbólica do desempenho e da competição entre territórios, classificada e marcada por posições em um ranking.

Neste processo o ranking ganha a primazia de um objeto técnico e dispositivo de representação na psicoesfera do espaço geográfico, pois ele permite os nexos entre a validação da realidade observada, as narrativas que naturalizam as desigualdades e as descontextualizam de processos históricos complexos, dos sistemas de valores contra-hegemônicos aos atores da globalização. Ao mesmo tempo, que nas aulas, o IDH pode ser observado como um actante espacial de mediação, que atua como um objeto técnico de representação e objeto técnico de agenciamento de subjetividades, pois captura os imaginários, significados espaciais e um sistema de valor de uma hegemonia cultural. Que demarca posições simbólicas entre lugares e a ordem política e econômica do mundo, típicos da ideologia da globalização.

Identificamos que os processos de uso e apropriação do IDH ocorrem na dimensão da produção do espaço geográfico que Milton Santos (2002) chamou em sua teoria geográfica de “psicoesfera” (SANTOS, 1996). E, que a psicoesfera pode ser compreendida é um campo simbólico dinâmico que além de representar o espírito do tempo atual, é um sistema de mediação configurado para a ação pela seleção de informações pelos atores sociais quando precisam

agir a partir dela, seja para lecionar uma aula, avaliar uma política pública, analisar desigualdades territoriais ou considerar uma representação de totalidade geográfica. No nosso caso de análise, essa necessidade se dá pela demanda pedagógica dos professores.

Para Santos (1996) a psicoesfera se referia aos sistemas de mediações necessários para o fluxo da ação no território via os sistemas de fluxos e sistemas de fixos. A psicoesfera é diretamente relacionada a tecnoesfera dos territórios, aos modos de normatização, normalização, ao governo e a cultura. Podemos perceber que também se trata de uma das principais componentes dos processos de construção da realidade social. Logo, se refere também, aos nexos com as dimensões da tecno burocracia e da planificação do espaço para fins de ordenamento territorial. Todavia, é no espaço banal que vai ganhando sua legitimidade e são constituídos os sentidos de realidade.

Nas videoaulas de Geografia analisadas observamos um sistema de mediação que permite processos de ancoragem e objetivação nas representações sociais do espaço. Envolvendo mecanismos de produção de significado e de conhecimento tem como núcleo o IDH enquanto número e medida de comparação, o utilizando como um espaço de representação dotado de significado e valores.

Além do número, da medida, o IDH tem seu significado construído por relatórios técnicos, por mapas gerados, por rankings, por discursos e pelas próprias aulas. Toda essa gama de mediações articuladas, configuram um circuito para a ação ou e para seu contingenciamento. Logo, se configuram como um sistema de mediação e agenciamento para o espaço social. A partir das referências simbólicas utilizadas pelos professores para explicar o que é o IDH, a relação de sentido com a ONU, é o que estabelece os espaços de representações para configurar a ordem da imagem geográfica que representa os países em suas posições no mundo demarcando também, a nossa posição nesta ordem do mundo.

7.LINGUAGEM ESPACIAL E TECNOLOGIAS POLÍTICAS

A análise feita neste artigo buscamos trazer a discussão como o IDH enquanto objeto técnico está relacionado a uma racionalidade que inscreve no indicador uma função de “tecnologia políticas” (BALL, 2005). Na linguagem espacial observada o espaço de representações vai sendo construído pela construção do significado que é dada pela comparabilidade espacial, quando essa lógica de representação do espaço é associada às marcações das performances dos territórios, o *ethos* performativo atua na ancoragem inscrevendo uma ideologia performativa nas representações sociais do espaço por objetivações de qualidade de vida e valores de mercado.

Estes mecanismos são análogos aos estudados e descritos por Ball (2004; 2010) para o contexto de políticas de avaliação educacional em larga escala. O que nos permite colocar para problematização, os processos de fabricação de uma sociedade performativa apontando a relevância das representações sociais do espaço, os espaços de representações e a psicosfera para compreensão das relações entre indicadores sociais e a Geografia.

Este estudo coloca a ancoragem e a objetivação nas representações sociais do espaço no uso e da apropriação do IDH como um exemplo de lógicas políticas e culturais de um fenômeno que engendra mecanismos da construção da realidade social e do conhecimento geográfico. Envolve além da reificação das desigualdades sociais e do conceito de desenvolvimento humano pela medida, reconhecer a existência de uma alquimia de significados que vão construindo o imaginário geográfico com diferentes regionalizações, classificações e comparações espaciais inscritas em sistemas de valores.

Logo, não são fenômenos meramente simbólicos, mas envolve a produção de representações geográficas e políticas do mundo, que configuram os circuitos da ação no espaço geográfico. Observando a “linguagem espacial” (SCHMID, 2012) podemos identificar o espaço de representações construído, para perceber a

força e a direção ideológica da “cultura da performatividade” na territorialização do IDH junto a professores de Geografia e compreender que o espaço de representação produzido vai sendo engendrado aos sistemas de mediação que compõe a “psicoesfera” (SANTOS, 1996) pela qual opera o programa político que produz o IDH e que territorializa no espaço geográfico sua ação. A psicoesfera é o *locus* das mediações dos sistemas de ações e sistemas de objetos que estruturam o espaço geográfico.

Como ausências na construção de um conhecimento geográfico nas aulas de Geografia analisadas, está a dimensão do protagonismo da escala local, o espaço de representação gerado se remete a uma ordem espacial e política distante e não traz para a escala local e para os lugares do vivido os desdobramentos das práticas e das ações políticas que existem atualmente no Brasil em torno de discussões sobre o desenvolvimento humano, a exemplo do IDHM produzido pelo IPEA e sua apropriação no ciclo de produção de políticas públicas no país.

Um dos pontos de fechamento da linguagem espacial analisada, parece-nos ser o fato dela se objetivar num significado de qualidade de vida esvaziado de seu significado histórico e tal não é articulado a ideias de construção social das condições de vida em cada lugar, mas a graus de desenvolvimento e força econômica dos territórios. Sujeitando o espaço de representação a uma ordem e *status quo* estrutural, fora do alcance da ação política dos sujeitos e atores desse imaginário geográfico. O uso e a apropriação do IDH observada faz uma reificação performativa do desenvolvimento humano o ancorando e objetivando como qualidade de vida submetida a uma dimensão econômica de uma sociedade de serviços e media pela renda, riqueza e poder econômico dos governos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou uma análise da apropriação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em aulas de Geografia por meio da observação da linguagem espacial utilizada pelos professores em videoaulas publicadas na internet. As discussões levantadas apontam uma importante dimensão política e ideológica a ser melhor compreendida em relação à Geografia e os indicadores sociais que se remete a dimensão do uso, da apropriação social e da construção de imaginários geográficos.

Observamos processos de ancoragem e objetivação do IDH que se remete a mecanismos de construção simbólica do espaço, relacionados a produção de uma “psicoesfera do espaço geográfico” (SANTOS, 1996), a “representações sociais do espaço” (BONFIN, 2012) e a “espaços de representações” (LEFEBVRE, 2013) relevantes de serem considerados nos processos de construção do conhecimento geográfico e das práticas pedagógicas em Geografia em relação ao uso e apropriação dos indicadores sociais.

Buscamos trazer evidências encontradas nas análises sobre o caso do IDH enquanto um exemplo de como os indicadores sociais tendem a serem apropriados no cotidiano como objetos técnicos de “tecnologias políticas” (BALL, 2010). Tal processo impacta diretamente a construção de imaginários geográficos pois os usos feitos do IDH nas videoaulas de Geografia analisadas demonstram haver mecanismos de construção simbólica do espaço que envolve uma normalização geográfica feita a partir da forma pelas quais os professores se apropriam tanto dos números do IDH como da base conceitual do indicador.

Trouxemos neste artigo a problematização de questões empíricas e uma construção teórica que inova na abordagem e procedimentos técnicos de pesquisa para tratar de questões que tem sido pouco aprofundadas na Geografia. Defendemos a tese que os indicadores sociais se tornaram objetos técnicos centrais de um imaginário geográfico e de uma psicoesfera do espaço

geográfico produzida por mecanismos de universalização técnica promovida pelo Movimento dos Indicadores Sociais que adentrou o cotidiano e tem forte presença nas práticas pedagógicas e do trabalho de produção de conhecimento em Geografia. Diante disto buscamos chamar a atenção para a importância do tema e de aprofundarmos discussões e estudos, uma vez que os indicadores sociais são diretamente relacionado a produção de políticas e a promoção de ações transformadoras do social e do espaço geográfico. Estando, portando para além de meros imaginários mas se remetendo a construção da *práxis* e dos *ethos* impactando a cultura e a política.

A guisa de consideração final, a partir das contribuições de Henri Lefebvre (2006; 2013) e da Teoria das Representações Sociais utilizamos para analisar o ensino de Geografia (BONFIM, 2012), estudando a apropriação de um objeto técnico informacional o qual vem ganhando crescente importância para os processos de ensino e aprendizagem nos dias atuais. De modo, que evidenciamos que existe a necessidade de estudarmos os processos e práticas educativas em Geografia para além da sala de aula.

A estratégia utilizada neste estudo adotou as representações sociais do espaço para observar e analisar os processos de ancoragem e objetivação (MOSCOVICI, 2003; PELUZZO, 2003; GILL FILHO, 2005; BOMFIM, 2012) trazendo a tona a importância da ideologia para melhor entender processos políticos presentes nas práticas educativas. Analisando não somente a construção do censo comum envolvido mas, adentrando na dimensão do espaço de representação e das representações do espaço (SHIMID, 2012; LEFEBVRE, 2013).

Ao analisarmos como o indicador social IDH foi utilizado em videoaulas publicadas no YouTube, buscamos trazer elementos para a problematização sobre a função social e a apropriação destes objetos técnicos que desde o século XIX e em especial desde a década de 1960 vem ganhando papéis de suma importância para a produção de políticas sociais e na construção social da realidade. A partir de contribuições epistemológicas de Milton Santos adotamos o

conceito de psicoesfera do espaço geográfico e o enquadramento dos indicadores sociais como objeto técnico, para discutir e evidenciar o quanto estes números vêm ganhando significação e importância no espaço social cotidiano. Portanto, buscamos contribuir para o pensar e o refletir sobre os processos de uso e apropriação das estatísticas e dos indicadores sociais no ensino de Geografia e na construção dos imaginários geográficos.

REFERÊNCIAS

BALL, S. J. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, 2010.

BALL, S. J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. **Cadernos de pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 539-564, 2005.

BONFIM, N. R. Representações sociais do espaço e ensino de geografia. IN: BONFIM, NR; ROCHA. LB (Orgs.) **As Representações na Geografia**. Santa Cruz/BA: Editus/UESC, 2012.

BOURDIEU, P.; **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996

CARVALHO, L. M. Intensificação e sofisticação dos processos da regulação transnacional em educação: o caso do programa internacional de avaliação de estudantes. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 136, 2016.

BULEON, P.; DI MÉO, G.. **L'espace social: une lecture géographique des sociétés**. Armand Colin, 2005

FERNANDES, A. T. Espaço social e suas representações. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**, 02, 1992, p. 61, 1992.

GIL FILHO, S. F. Geografia Cultural: estrutura e primado das representações. **Espaço e Cultura**, n. 19-20, p. 51-59, 2005.

GRIMBERG, D. S.; DORFMAN, A. Imaginação geográfica e análise de notícias como fonte em pesquisas em Geografia. In: HEIDRICH, A. L. & PIRES, C. L. Z. (orgs.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 271-286.

HARVEY, David; **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

LATOURE, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afóra.** Unesp, 2000.

LEFEBVRE, H. **La Presencia y La Ausência: contribucion a la teoria de las representaciones.** México. Fundo de Cultura Econômica, 2006.

LEFEBVRE, H.; **La producción del espacio.** Madrid: Capitán Swing, 2013.

LINDÓN, A. De las geografías constructivistas a las narrativas de vida espaciales como metodologías geográficas cualitativas. **Revista da ANPEGE, v. 4,** n. 04, p. 7-26, 2008.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna.** Lisboa: Gradiva, 2003.

MILLÉO, J. C. **A utilização dos indicadores sociais pela geografia: uma análise crítica.** Universidade Federal Fluminense. Tese. Dout. Niterói/RJ, 2005.

ILLÉO, J. C.. Geografia e indicadores sociais: buscando o estabelecimento de bases para uma aproximação mais fecunda. **GEOgraphia, v. 9,** n. 18, 2007.

PELUSO, Marília L. O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia, v. 8,** n. 2, p. 321-327, 2003.

RODRIGUES, Z. M. R.. **Sistema de Indicadores e desigualdade socioambiental intraurbana de São Luis-MA.** 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço** (The Nature of Space).São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHMID, C.. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), n. 32,** p. 89-109, 2012.

SIMMEL, G.. Sociology of space. **Estudos Avançados, v. 27,** n. 79, p. 75-112, 2013.

VIZEU CAMARGO, B.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia, v. 21,** n. 2, 2013.

XAVIER, Roseane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis. **Psicologia & Sociedade, v. 14,** n. 2, p. 18-47, 2002.

i Carvalho e Costa (2013; 2014; 2016) analisam o indicador educacional do Programme for International Student Assessment - PISA da OCDE apontando a actância do indicador junto a narrativas e imaginários sobre a qualidade da Educação e seu vínculo a valores de mercado sobre o social. Às pesquisas revelam que o uso político do “actante transnacional dá-lhes a possibilidade de legitimar problemas e soluções políticas com a benção de um conhecimento especializado, agido e percebido como “independente”. Os autores desenvolvem suas análises explicando como o PISA é utilizado como agente e ator de uma sofisticada forma de governança transnacional da educação.